



Suas Magestades e Altezas
passam sem novidade em suas
importantes saudes.

Sua excellencia o sr. conde
de tomar continúa em Madrid
a curar as feridas do coração.

O commando em chefe.



não tem que fazer, para se distrahir,
manda povoar as possessões ultramarinas.
Isto é que é ter um verdadeiro coração
paternal.

Embira o commandante em chefe com
o sr. Luiz Diogo Leite, e tem este senho
que ir até S. Miguel! Realmente; por
que se não ha-de fazer a vontade ao nosso
commandante? Ora pois: *Viva o nosso
capitão mór, que já nos pôde prender.*

Na nossa terra tudo é burlesco, tudo é
cericatura, tudo faz dó; por isso bem sen-
timos nós que aos Migueis Alcaides se
não dê ainda mais dinheiro para comerem
e nos algemarem.

A unica pena que nos resta é a de não
termos dez ou doze commandantes em
chefe. Os caros penhores, por exemplo,
podiam fazer de beaguins.

Apessamo-nos a dar publicidade á cor-
respondencia abaixo transcripta, que
esclarece perfeitamente a ultima crise por
que passámos, e concilia todas as opi-
niões.

SRS. REDACTORES.

Sendo o Supplemento um dos jornaes
mais sisudos da capital, peço-lhe que de-
clare por meio delle, que houve uma crise
ministerial, que felizmente passou.

Sou etc.
Saldanha.

A vista da declaração de S. Ex.^a, es-
tamos authorisados para proclamar, que
houve crise ministerial.

Os Redactores.

SRS. REDACTORES.

Reconhecendo a affeição com que sem-
pre me tem tratado, rogo-lhe declarem,
que não existiu crise ministerial.

Sou etc.

João Elias (o sebento).

A vista de tão cathgorica declaração,
estamos authorisados a afirmar, que não
existiu tal crise.

Os Redactores.

SRS. REDACTORES.

Seria conveniente, que VV. SS. decla-
rassem no Supplemento Burlesco, que
houve, e não houve crise ministerial.

Solta.

A opinião de S. Ex.^a é aquella que sem-
pre partilhámos! Qual é o homem que
n'esta grave questão poderá dizer se hou-
ve ou não crise?

Os Redactores.

SRS. REDACTORES.

VV. SS. podem affoutamente affiançar
ao paiz, sem receio de serem desmentidos,
que realmente houve crise ministerial.

D. José Traste-imundo.

Não podemos deixar de nos ligar ao que
assevera S. Ex., por o julgarmos estar ple-
namente informado; assim não podemos
pôr em duvida a existencia da crise.

Os Redactores.

SRS. REDACTORES.

O Supplemento é o meu jornal favorito;
lei-o e releio-o, e para prova dou-me pre-
sa em communicar-lhe que a sonhada crise
ministerial foi fantastica.

Falcão.

Vê-se desta declaração que nada ha de
verdadeiro, quanto a boatos de crise mi-
nisterial.

Os Redactores.

SRS. REDACTORES.

Como ministro e secretario d'estado dos
negocios estrangeiros, declaro a VV. SS.
que ignoro se houve ou não crise minis-
terial.

Castro (sem barril de manteiga.)

Como Redactores do Supplemento Bur-
lesco achamo-nos no caso de S. Ex.^a

Os Redactores.

O corpo diplomatico residente em Lis-
boa, julga do seu dever participar aos Re-
dactores do Supplemento, que a respeito da
crise ministerial, porque Portugal acaba
de passar, ainda lhe não é possivel emit-
tir opinião alguma.

(Seguem as assignaturas.)

Os Redactores do Supplemento, á vista
do que acabam de expôr, julgam em sua
consciencia, que se devem ir deitar.

Os Redactores.

Estamos authorisados a declarar que ig-
noramos se houve ou não crise.



Em consequencia da crise em
que nos achamos, vai pu-
blicar-se um novo jornal,
que sahirá á meia noite,
dando sempre noticias atra-
zadas para não assustar os
leitores.



crise ministerial, que não foi
crise, tem-se propagado espan-
tosamente. A Sr.^a Moreno na
quarta feira em S. Carlos, e a
Sr.^a Josephina na quinta feira
no Gymnasio, declararam-se
em crise, ou pelo menos o publico assim
o declarou.

As ultimas proezas do imperador d'Aus-
tria acabam de fazer conhecer que
este valente guerreiro é dotado de um co-
ração verdadeiramente maternal.



em s a sãti-façãõ de declarar
aos no-sos leitores que tudo
se compôz, e que no paiz,
em S. Carlos, e no Gym-
masio, continua o mesmo
espectaculo, com as mesmas
scenas e os mesmos actores.

Em como se prova pelo Estandarte e pela União que os cabralistas são limpos de mãos.



Sr. conde de tomar, ministro do reino, approvou e auctorizou os contractos das estradas do Minho, e de Lisboa ao Porto, cedendo a corretores, que (segundo a União) por essa corretagem receberam setenta e dous contos de réis. N'este caso a boa fé attribuida a S. Ex.^a é um pungente argumento de concussão, que em lucro dos corretores, não podia deixar de ter a conveniente parte.

(Estandarte de 13 do corrente.)
..... " não fomos obrigados como ladroes a fugir; e apresentar-nos ao sr. D. Pedro, na emigração, como uma victima da usurpação... nem recentemente mandámos assassinar alguns individuos, em

certa possessão, assegurando a nossos satellites a impunidade, porque iam ser despachados governador geral daquela possessão: "

(União de 11 do corrente.)

Parece-nos que na duvida o melhor é reputar tanto o Lopes Limão como o conde de tomar larapios d'alto bordo!!!

A MATHICIDA MARIA JOSÉ.



sta criminosa que tem sido apregoada por diversas maneiras — sendo a não menos curiosa a que ouvimos hontem; « E' a famosa sentença que mostra os justos motivos que teve uma filha para matar sua mãe etc. » depôz no jury que o seu cumplice fora um certo

José Maria, que a ajudára a roubar sua mãe.

Haverá aqui equivoco? Quereria a matricida alludir a José dos conegos? A justiça proceda a serias indagações, e nós por em quanto suspendemos o nosso juizo, visto haver roubo.

VENDAS

O redactor do *Diario do Governo* tem para vender grande porção de queijadas, que servem para fazer crescer o cabelo, promovendo ao mesmo tempo a digestão.

Editor responsavel — MANOEL DE JESUS COELHO.

LISBOA

NA OFFICINA DE MANOEL DE JESUS COELHO

Rua do Poço dos Negros n.º 54.

1848.



O EMPREGADO PUBLICO DESEASENDO-SE DA QUINSENA.